

## ***MORTALIS GRAPHICVS.***

### **Os fingimentos do poeta e o sorriso da Fortuna**

WALTER DE MEDEIROS

*Universidade de Coimbra*

— *Mas esse Psêdolo quem é, que o não conheço?*

— *É um figurão que só pintado: c'est mon homme à trouvailles.*<sup>1</sup>

Quando o amigo do enamorado lhe faz esta pergunta, já o espectador conhece, de cor e salteado, o tal *mortalis graphicus* 'um tipo que só pintado', o tal *heuretês* 'o homem das invenções'. Psêdolo nunca deixou de estar em cena, desde o início da peça. Nem deixará, presente ou ausente fisicamente, porque as esperanças e os temores dos outros trazem na mira, quase sempre, este Psêdolo, 'Aldrabão' no nome como nas obras. É um efeito de possessão, que chega a exceder o de outro escravo-rei da *palliata*, Epídico, apesar da genialidade da figura e do entranhado amor que Plauto dedicava àquela peça.

O ressalto de Psêdolo é ainda mais assinalável se considerarmos que, na comédia a que dá o título, o escravo enfrenta um antagonista de alto bordo, o alcoviteiro Balião. Diz-se, até, que alguns *duces gregis* preferiam o papel de Balião ao de Psêdolo. Mas, se a informação dos antigos for verdadeira, pode vislumbrar-se um porquê: Balião domina, a meio do chamado "acto I", duas cenas de grande espectáculo, daquelas que perduram na retina da assistência, quer pelos movimentos de massa (bandos de escravos e cortesãs ameaçados de punição), quer pelo cómico das situações (tentativas de fuga e cerco do alvejado, catadupa de injúrias acolhidas com despudor). Mas tudo se resume, afinal, em um bom exercício de voz tonitruante, punho certo em afeiçoar varadas, flexibilidade sisuda em jogo de esquivanças, uma cara estanhada para

---

<sup>1</sup> *Pseud.* 700. No original: *εὐρητής mihist*, a que se fez equivaler, no texto português, uma expressão francesa. 'Figurão', em vez de 'tipo', pretende sugerir *nimis est mortalis graphicus* do mesmo verso. Texto segundo a edição oxoniense de LINDSAY.

engolir insultos e frustrar as esperanças de um postulante sem dinheiro. O resto afina pelo modelo estereotipado do proxeneta ávido e presunçoso, talhado para o desengano do final, embora amachucado, desta feita, por uma derrota em várias frentes. Concedemos que Balião é um alcoviteiro mais corposo que os outros de Plauto — mas os expedientes da dosagem estão previstos no receituário de um actor experiente. O intérprete de Psêudolo reflecte, pelo contrário, ao longo de muitas cenas, uma gama cambiante de elocução, de gestos, de emoções, de empatia, que requerem a vivência fresca, desmecanizada, de uma *dramatis persona* vocacionada para papéis de vulto. Bastará a análise de três ou quatro cenas para mostrar as dificuldades do intérprete e, porventura, o desinteresse comodista de alguns *duces gregis* em chamar a si o desempenho de um papel complexo e cansativo.

Consideremos desde logo, porque muito significativa, a cena inaugural da peça. Os interlocutores são Psêudolo, o escravo, e Calidoro, o seu amo jovem. A tentação do dramaturgo moderno, rendido à cinemática da essencialidade, seria banir os seis versos de introdução, proferidos por Psêudolo (versos em que, para mais, domina a hipotaxe) e pô-lo a indagar, *ex abrupto*, a razão da tristeza de Calidoro e das lágrimas em que banha as tabuinhas que traz na mão.<sup>2</sup> Mas o circunlóquio de Psêudolo é calculado: a articulação morosa, pausada, da abordagem serve para ganhar a confiança do amo, até então refractário a confidências, decerto por temer a veia faceta do escravo. Quando Psêudolo descobre que se trata de uma pena de amor e que o patrão está vencido pelo desalento, muda o registo de voz: passa ao tom amigável de quem oferece ajuda e conforto.<sup>3</sup> Mas, ao receber as tabuinhas, intui que o seu papel, antes de mais, é desdramatizar a situação, criar uma atmosfera em que o sorriso, mesmo forçado, restitua Calidoro ao mundo crasso das realidades modeláveis. Por isso olha para as tabuinhas e exclama:

— *Mas que é isto? (...) Esta letras querem ter meninos: uma anda a cavalo na outra ! (...) Se não as ler a Sibila, ninguém mais as pode decifrar. (...) Caramba, já as galinhas têm mãos? ...*<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> 1-6.

<sup>3</sup> 16-19.

<sup>4</sup> 22-30. Omitem-se os protestos intercalares de Calidoro.

Com os remoques de Psêdolo contrastam os protestos de Calidoro e o seu irredutível pessimismo:

— *Qual a erva no solstício, breve foi minha existência: em um ápice nasci, em um ápice morri.*<sup>5</sup>

Naquelas tabuinhas, lavadas pelas lágrimas do seu amor, Fenícia diz que foi vendida a um soldado macedónio e que este, através da sua ordenança, munida de carta com sinete e de cinco minas em débito das vinte já desembolsadas, vai ser, a partir daquele dia, o seu novo senhor. Assim morrerão os doces prazeres dos dois amantes, evocados em uma cascata de diminutivos, aliteraões, compostos, homeoteleutos,<sup>6</sup> que revelam como Plauto, a despeito da velhice, continua na pleniposse dos seus recursos expressivos.

— *É uma carta de meter dó, Psêdolo.*  
— *Pois é: de fazer chorar as pedras.*  
— *Então, porque não choras?*  
— *Porque tenho olhos de pedra-pomes. A minha raça sempre foi dos olhos secos.*<sup>7</sup>

Quando Calidoro, acabrunhado, lhe pede uma dracma para a corda com que se quer enforcar, o escravo ainda graceja:

— *Basta que sim ... Então queres enforcar-te para me não pagares a dracma que eu te emprestar?*<sup>8</sup>

Mas perante a desolação de Calidoro, que se confessa incapaz de viver se lhe arrebatarem a amada, o coração do escravo derrama uma ternura insuspeitada:

— *Porque choras, meu pardalinho? ... Tu viverás!*<sup>9</sup>

---

<sup>5</sup> 38-39.

<sup>6</sup> 41-73 (sobretudo 64-70).

<sup>7</sup> 74-77.

<sup>8</sup> 92-93.

<sup>9</sup> 96 *quid fles, cucule? uiues!* A tradução literal de *cucule* por 'cuquinho' seria, a nosso ver, menos adequada ao português.

É um lance de humanidade, assaz gentil, que importa registrar. Até porque, a partir deste momento, Psêdolo, consciente da urgência do caso, suspende os gracejos dilatatórios e passa às promessas efectivas.

— *Pede-me vinte minas, que eu tas darei. (...) Pede, que a minha freima é tomar o compromisso. (...) Sim, senhor: vou-tas dar, mas agora não me chateies (...), porque, se a mais ninguém as conseguir palmar ... a teu pai palmarei.*<sup>10</sup>

E a toda a gente anuncia, amigos e conhecidos inclusive, que, naquele dia, se acautelem das trapaças que vai armar.<sup>11</sup> O Aldrabão falou: e sente chegada a hora de agir.

Fecho de cena nas nossas edições. O observador atento anota e recapitula: o escravo passou de uma linguagem exploratória a uma toada de zombaria, de um toque de ternura a uma afirmação de confiança — para chegar à fanfarra de um aviso que soa como o primeiro anúncio da vitória. O accionado acompanhou, obviamente, as alterações da voz: uma cauta, gradual aproximação, os ademanos sedativos, a gesticulação caricata em torno da missiva (as letras cavalgantes, as patas de galinha, o mimar dos passos sensuais, um vislumbre de expectativa no remate); depois, uns afagos na cabeça ou nos ombros do seu senhor, o bombear do peito na afirmação das garantias e a postura galharda do herói que se propõe intrujar o mundo.

Psêdolo acredita na vitória: mas as duas cenas seguintes em que se impõe a figura de Balião, plena de arrogância e desfaçatez, primeiro com os dependentes, depois com os postulantes, mostram que a batalha será dura e que é necessário um plano para vencer a guerra. Psêdolo tem um plano? Psêdolo (confessa) não tem plano nenhum: não sabe por onde começar nem por onde acabar. Que importa? Psêdolo é como o poeta, quando toma as tabuinhas, e procura o que não existe em parte alguma do mundo; mas, mesmo assim, encontra — e finge que é verdade o que é mentira. Pois também Psêdolo será poeta: e as vinte minas, que ainda não existem em parte alguma do mundo, ele acabará por as encontrar.<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> 114-120, com algumas simplificações e omissão das respostas de Calidoro.

<sup>11</sup> 125-128.

<sup>12</sup> 394-405.

O monólogo, para funcionar, requer a movimentação vivaz da personagem: as projecções do corpo, do braço, dos dedos, a palma aberta para recolher os dons da Fortuna.

E a Fortuna sorrirá àquele poeta arrebatado que desdenha os louros emurhecidos. Se Epídico é prudente, mesurado, calculista (só se agiganta no fecho da comédia), Psêdolo faz gala em desafiar os adversários, anunciar-lhes de antemão as tranqüibérmias que maquina. A vitória, para ser mais deleitosa, enjeita a rebarba do imprevisto.

Por isso Psêdolo vai direito ao patrão velho, Simão, e, com o orgulho de um rei, lhe faz saber que naquele dia — e com aquelas mãos — o velho lhe entregará vinte minas: como prémio por ludibriar Balião e o despojar da cortesã Fenícia. Simão fica assombrado com tamanha audácia e exclama:

— Raios, este é um tipo que só pintado, se cumprir a sua palavra!<sup>13</sup>

*Mortalis graphicus*: a mesma expressão que repetirá o filho, pouco depois. Mas o seguro morreu de velho: e Simão vai logo advertir o alcoviteiro dos propósitos do escravo.<sup>14</sup> Assim temos de prevenção, oferecida pelo próprio (amor da dificuldade!), os dois contrários que Psêdolo pretendia assaltar.

Mas onde há aí prevenção que resista a um golpe escarminho da Fortuna? Psêdolo intercepta, por acaso, diante da porta de Balião, a ordenança do soldado que vinha buscar Fenícia. Logo se apresenta como intendente, homem de confiança do alcoviteiro; e consegue extorquir ao emissário, senão as cinco minas, que o outro, desconfiado, prefere entregar pessoalmente, pelo menos (e era o que importava) a carta com sinete para enganar o cauto Balião.<sup>15</sup>

Trata-se, agora, de arranjar uma falsa ordenança, diferente de Psêdolo, que Balião conhece à légua, e as cinco minas de complemento que são devidas ao alcoviteiro. Um amigo de Calidoro fornece os dois elementos; e a falsa ordenança — em teoria, uma projecção do próprio Psêdolo — é provida de tal astúcia, de tal afoiteza que o ensaiador fica estarrecido e de coração aos

---

<sup>13</sup> 507-519.

<sup>14</sup> Como se deduz, mais adiante (896-904), de uma informação do próprio alcoviteiro.

<sup>15</sup> 594-666.

saltos.<sup>16</sup> Será o único momento (breve, mas intenso) em que Psêdolo teme pelo êxito do engano: um toque de “realismo” que vale a pena assinalar. Mas Balião, a quem a falsa ordenança se apresentou, não levanta dificuldades em lhe entregar Fenícia: antes jubila por ver o negócio concluído e Psêdolo esconjurado do seu horizonte.<sup>17</sup>

Tão radioso, tão exultante se sente que, ao encontrar Simão, o convida a apostar com ele vinte minas em como Psêdolo, a despeito das suas bravatas, já não conseguirá arrebatar-lhe Fenícia, que foi entregue à ordenança do macedónio e vai a caminho de outra cidade. Simão aceita a aposta, porque, nas circunstâncias enunciadas, lhe parece nulo o risco de perder.<sup>18</sup>

Mas o desengano não tarda a surgir, para escarmento de tanta confiança. Quando o emissário verdadeiro comparece, com as cinco minas na mão, a reclamar a entrega de Fenícia, Balião ainda supõe que se trata de um cúmplice de Psêdolo. E o desventurado é alvo de chacota dos dois homens: até que a sua segurança, a sua indignação começam a abrir brecha na arrogância de Balião. O alcoviteiro faz então a pergunta decisiva:

— *Como era o homem a quem entregaste a carta?*

— *Um tipo ruivaças, barrigudo, de grossas pantorrilhas, anegralhado, de cabeça grande, uns olhos luzentes, a pele encarniçada e então uns pés ... enormes.*

— *Desgraçaste-me, quando falaste dos pés. É Psêdolo em carne e osso.*  
*Estou arrumado: vou morrer, Simão.*<sup>19</sup>

Pois morra à vontade, mas primeiro pague vinte minas ao soldado, vinte minas a Simão. Amachucado, cabisbaixo, o alcoviteiro declara que, de ora avante, deixará as ruas principais para se remeter às vielas e azinhagas. Simão, por seu turno, reconhece que Psêdolo venceu, em esperteza, o próprio Ulisses, inventor do cavalo troiano.<sup>20</sup>

E quem é este vencedor, quem é este inventor? ... Aquele ruivaças barrigudo, de olhos luzentes e pés enormes — em que se quis ver o próprio

---

<sup>16</sup> 694-766, 905-1045.

<sup>17</sup> 960-1016.

<sup>18</sup> 1052-1100.

<sup>19</sup> 1137-1220.

<sup>20</sup> 1234-1244.

Plauto, nos tempos da *planipedaria*. Poetas ambos, cada qual a seu jeito. Mas escravo só um: o Aldrabão.

Resta considerar a cena final da peça, que consagra, como no *Epidico*, a vitória do escravo sobre o seu senhor. Psêdolo entra, ébrio e cambaleante (ah, como os pés o atraçoam!), mas profundamente feliz, com uma coroa na cabeça. Vem de um festim do paraíso, em que os prazeres foram tantos e tais que se sentiu um verdadeiro deus. Mas nem por isso esqueceu a aposta ganha e vem reclamar o dinheiro ao patrão velho. Simão hesita entre o louvor e a sermonenda. Mas Psêdolo não lhe dá tempo de escolher:

— *Aqui está o patifório que se apresenta a um homem de bem.*

E vai-lhe arrotando na cara o vinho da orgia. O patrão ainda o quer repelir, mas Psêdolo não tolera sequer um empurrão — porque o seu arrotar é doce. Depois celebra a vitória, as delícias do festim ... Por fim, comanda:

— *Carrega-me lá a bolsa sobre as costas.*

Simão, chocado com a exigência, carranqueia:

— *Carregar, eu?!... Então este tipo leva-me o dinheiro e ainda faz troça de mim?!...*

— *Ai dos vencidos!*

O peso de uma frase histórica ... Simão obedece, ele que nunca pensou servir um servo e suplicá-lo.

— *Olha que eu sofro ...*

— *Pois se não sofresses tu, sofria eu.*

— *Mas levas tudo ao teu patrão, ó meu Psêdolo?...*

— *Com a maior satisfação do mundo.*

— *Mas não me queres oferecer uma parte sequer?...*

— *Nem um chavo sequer para o teu bolso. E tu, achas que tinhas pena das minhas costas, se eu falhasse?...*

— *Mas há-de chegar a hora da vingança, tão certo ...*

— *Ameaças, para quê? ... Bem sei que tenho lombo!*

Simão, resignado, faz menção de regressar a casa:

— *Pois então passa bem.*

Mas Psêdolo, com a volubilidade dos bêbados, chama-o logo:

— *Ora torna cá!*

— *Tornar, para quê?*

— *Torna, torna, que te não arrependerás.*

— *Pois aqui estou.*

— *Vem beber comigo. Se vieres, metade do que está aqui, ou até mais, o poderás levar.*

— *Está bem: vou para onde quiseres.*

— *E agora ainda estás zangado comigo ou com o teu filho?...*

— *Nada de nada.*<sup>21</sup>

Exaltação do escravo, vexame do senhor. Mas o fecho carnavalesco apela à conciliação. Nem o vinho destoa, afinal: Baco é amigo da poesia. E um brinde ao Engano, a bem do amor, um brinde à Fortuna, a bem da felicidade, não ficam mal — sabe-se lá! — ao sonho de uma sombra.



---

<sup>21</sup> 1285-1331. O texto do original latino foi, em alguns pontos, simplificado.

\* \* \* \* \*

**Resumo:** A preferência dos *duces gregis* pelo papel de Balião, em detrimento do de Psêdolo, que dá o seu nome à peça, resulta do carácter espectacular de duas cenas em que pontifica o alcoviteiro, a meio do chamado “acto I”. Mas o *mortalis graphicus*, que compara a sua inventiva à dos poetas, capazes de tirarem do nada as suas composições, é o verdadeiro herói da comédia, que anima com a riqueza das emoções vividas no palco e o brilho de uma inteligência pronta a aproveitar os favores da Fortuna para derrotar o alcoviteiro e o seu próprio senhor.

**Palavras-chave:** comédia *palliata*; escravo-rei; alcoviteiro; *duces gregis*.

**Abstract:** The preference shown by the *duces gregis* for the role of Ballio, instead of that of Pseudolous, from which the eponymous play takes its name, derives from the spectacular character of the two scenes in which the protagonist is the procurer, by the middle of Act I. But the *mortalis graphicus* who compares his inventiveness with that of the poets, who are able to make their compositions out of nothing, is the true hero of the comedy that he instils with the richness of the emotions experienced on stage and the spark of an intelligence willing to take advantage from the favours of Fortune to defeat the procurer and his own master.

**Keywords:** *palliata* comedy, slave-king, procurer, *duces gregis*

**Resumen:** La preferencia de los *duces gregis* por el papel de Balión en detrimento del de Psêdolo, que da nombre a la pieza, resulta del carácter espectacular de dos escenas en que sobresale en alcahuete, en mitad del llamado “acto I”. Pero el *mortalis graphicus*, que compara su inventiva con la de los poetas, capaces de sacar sus composiciones de la nada, es el verdadero héroe de la comedia, que anima con la riqueza de las emociones vividas en el palco y el brillo de una inteligencia lista para aprovechar los favores de la Fortuna para derrotar al alcahuete y a su propio señor.

**Palabras clave:** comedia *palliata*; esclavo-rey; alcahuete; *duces gregis*.

**Résumé:** La préférence des *duces gregis* pour le rôle de Ballion au détriment de celui de Pseudolus – qui donne son nom à la pièce – découle du caractère spectaculaire de deux scènes où, au milieu du dit Acte I, il pontifie l’entremetteur. Mais le *mortalis graphicus* — qui compare son inventivité à celle des poètes, étant capables de faire surgir du néant leurs compositions — est le véritable héros de la comédie, qu’il anime de la richesse des émotions vécues sur la scène et du brio d’une intelligence prête à tirer profit des favours de la Fortune pour vaincre l’entremetteur et son seigneur.

**Mots-clé:** comédie *palliata*; esclave-roi; entremetteur; *duces gregis*.